

O Impostor

Série Amor & mentiras

A Oportunista

A Perversa

O Impostor

TARRYN FISHER

O Impostor

TRADUÇÃO
FÁBIO ALBERTI



COPYRIGHT © 2013 BY TARRYN FISHER

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **FABIANE ZORN**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **DEAN DROBOT, NIK MERKULOV | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fisher, Tarryn

O impostor / Tarryn Fisher; [tradução Fábio Alberti]. — São Paulo : Faro Editorial, 2016. —
(Série amor & mentiras, 3)

Título original: Thief.

ISBN 978-85-62409-74-5

1. Homem-Mulher - Relacionamento - Ficção
2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

16-05129

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br

*Dedico este livro aos loucos apaixonados
do mundo inteiro.*



CAPÍTULO 1

Presente



EU PERDI OLIVIA TRÊS VEZES. NA PRIMEIRA VEZ FOI POR impaciência. Na segunda, por causa de uma mentira tão odiosa que não conseguimos superar. E na terceira vez — no momento presente —, eu a perdi para Noah.

Noah é um cara legal. Eu o investiguei — e investiguei a fundo. Mas a verdade é que, mesmo que ele fosse o príncipe da Inglaterra, eu não o consideraria bom o suficiente para ela. Olivia é uma obra de arte. É preciso saber interpretá-la, saber enxergar a beleza que se esconde sob os contornos ásperos de sua personalidade. Quando penso nos dois juntos, quando me lembro de que ele pode tê-la e eu não, sinto vontade de esmurrar o rosto de Noah até deixá-lo irreconhecível.

Olivia pertence a mim. Ela sempre foi minha e sempre será. Seguimos rumos diferentes nos últimos dez anos, mas nossos caminhos sempre se cruzam. Algumas vezes isso acontece porque procuramos um pelo outro; outras vezes, por obra do destino.

Ela tem o tipo de amor que pode manchar a alma de um homem, fazendo-o desejar desesperadamente não possuir uma alma só para escapar de seu feitiço. Fiz inúmeras tentativas de me afastar de Olivia de vez, mas todas foram inúteis. Há mais dela dentro de mim do que meu próprio sangue.



Eu a vejo neste exato momento; ela está na televisão. A imagem de Olivia preenche as 72 polegadas da tela: cabelos negros, olhar ambíguo, dedos tamborilando a mesa a sua frente, as unhas pintadas de vermelho-rubi. O programa de notícias do canal Seis está cobrindo a história. Trata-se do julgamento de Dobson Scott Orchard, o famoso estuprador que sequestrou oito garotas no período de doze anos... E Olivia é a advogada de defesa dele. Isso faz meu estômago revirar. Os motivos que a levaram a pegar o caso desse homem estão muito além da minha compreensão. Talvez seu desprezo por si mesma ajude a explicar por que passou a defender criminosos imprestáveis. Ela já defendeu minha mulher uma vez e ganhou o caso que poderia tê-la colocado atrás das grades por vinte anos. E aí está Olivia agora, sentada, calmamente, ao lado de seu cliente, inclinando-se de vez em quando para lhe sussurrar alguma coisa ao ouvido enquanto esperam o júri retornar com o veredito. Já estou em meu segundo uísque. A situação em que ela se encontra me deixa irritado e preocupado ao mesmo tempo. Meus olhos se detêm nas mãos de Olivia — suas mãos sempre indicam o que ela está sentindo. Seus dedos pararam de tamborilar a mesa, e agora suas mãos estão cerradas, e seus pequenos pulsos estão apoiados na beirada da mesa como se estivessem acorrentados ali. Tenho uma visão privilegiada de sua aliança. Despejo mais uísque no meu copo, bebo o conteúdo em um só gole e deixo a garrafa de lado. A tela troca a imagem para a sala de imprensa, onde um repórter fala a respeito das seis horas que o júri já havia gastado para deliberar e comenta as implicações disso sobre o veredito. De repente ele se sacode em seu assento, como se tivesse levado um choque: *“O júri acaba de entrar na sala do tribunal, onde o juiz lerá o veredito em poucos minutos. Vamos para lá agora”*.

Sentado na cadeira, eu me inclino para a frente, apoiando meus cotovelos sobre os joelhos. Minhas pernas ficam inquietas — isso acontece sempre que estou nervoso —, e me vem o desejo de mais uma dose de uísque. Todos os presentes na sala do tribunal estão em pé. Dobson, um homem grande, faz com que Olivia pareça uma pequena boneca de porcelana ao seu lado. Ela está vestindo uma blusa de seda azul no tom que eu mais gosto. Seu cabelo está preso atrás, mas há cachos escapando e descendo pelo rosto. Como ela é linda! Eu abaixo a cabeça na tentativa de

evitar as lembranças. Mas é inútil, elas vêm mesmo assim. Os cabelos dela, longos e despenteados, dominam cada uma dessas lembranças. Eu os vejo em meu travesseiro, em minhas mãos, na piscina onde a beijei pela primeira vez. Esta é a primeira impressão que temos dela: uma garota pequena, rodeada por abundantes cabelos negros e ondulados. Depois que rompemos, ela os cortou. Eu quase não a reconheci na loja de discos onde nos encontramos. Fiquei chocado ao ver como ela havia mudado, o que me ajudou a mentir. Eu precisava conhecer aquela Olivia que cortava o cabelo e abria caminhos usando apenas suas mentiras. Mentiras... Parece loucura querer as mentiras de uma mulher. Porém é assim que Olivia ama: mentindo. Ela mente sobre o que está sentindo. Mente ao dizer que não quer você quando na verdade ela quer, sim. Ela mente para proteger você e se proteger ao mesmo tempo.

Vejo-a colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha num gesto impaciente e brusco. Para quem não a conhece bem, essa atitude é perfeitamente normal. Mas noto que seu pulso se move para trás bruscamente. Ela está agitada.

Eu sorrio. O sorriso se estampa em meu rosto no instante em que o juiz lê o veredito: *"Inocente por insanidade"*. É inacreditável — ela conseguiu! Corro as mãos pelos meus cabelos. Não sei se quero recriminá-la ou parabenizá-la. Olivia desaba em sua cadeira, com os olhos arregalados numa expressão de surpresa. Todos a abraçam e lhe dão tapinhas nas costas. Quanto mais congratulações ela recebe, mais fios de cabelo vão se desprendendo de seu coque. Dobson será enviado a uma instituição para doentes mentais, em vez de ser mandado a uma prisão federal. Espero para ver se Olivia o abraçará, mas ela mantém distância de seu cliente e lhe oferece apenas um sorriso nervoso. A câmera se volta para o rosto do promotor público; ele parece furioso. Todos parecem furiosos. Olivia está fazendo inimigos, o que, diga-se de passagem, é a especialidade dela. Eu quero protegê-la, mas ela não é minha. Espero que Noah consiga dar conta do recado.



Eu pego minhas chaves e saio para correr um pouco. A umidade deixa o ar pesado; o som da chuva repercute ao meu redor, distraíndo-me

de meus pensamentos. Mal acabo de sair do meu condomínio e já estou todo molhado. Na rua do meu prédio, viro à esquerda e sigo em direção à praia. É hora do *rush*, e o tráfego de carros é intenso. Passo por entre os para-choques, ignorando os olhares irritados que me seguem pela rua. Mercedes, BMWs, Audis — dinheiro não parece ser problema para as pessoas em minha vizinhança. Eu gosto de correr. Meu condomínio fica a quase dois quilômetros da praia. É preciso atravessar duas pontes para chegar lá. Eu desvio de um carrinho de bebê e vejo de relance os iates, então penso em meu barco. Já faz tempo que não o uso. Talvez eu esteja precisando exatamente disso: passar um dia no barco. Quando alcanço a água, mudo de direção e começo a correr ao longo da praia. É neste lugar que eu lido com a minha raiva.

Corro até ficar exausto. Então sento-me na areia, respirando aceleradamente. Tenho de recuperar minha serenidade. Se eu continuar a me arrastar nessa fossa por muito mais tempo, talvez não consiga escapar dela. Tiro meu celular do bolso e faço uma ligação. Minha mãe atende, sem fôlego, como se tivesse acabado de usar a bicicleta elíptica. Em toda e qualquer situação, por mais desesperada que minha voz soe, mamãe, polidamente, me pergunta se estou bem e em seguida fornece um resumo de seus temas favoritos. Espero até que ela termine e então digo, com uma emoção involuntária na voz:

— Vou aceitar o trabalho em Londres.

Pega de surpresa, ela ficou em silêncio por um momento. Então respondeu, com voz extremamente alegre:

— Caleb, essa é a coisa certa a se fazer. Graças a Deus você mudou de ideia. Na última vez você rejeitou o convite por causa daquela garota e esse erro lhe cust...

Eu corto a conversa dizendo que ligarei para ela amanhã, depois de fazer contato com o escritório de Londres. Contemplo uma vez mais o mar antes de tomar o caminho de casa. Amanhã eu vou para Londres.

Não, não vou!

Acordo com o barulho de batidas. A princípio, penso que se trata de uma obra que está acontecendo em meu prédio. Os moradores do 760 estão reformando sua cozinha. Enfio minha cabeça debaixo do travesseiro, numa tentativa inútil de silenciar o barulho. Praguejando, jogo o

travesseiro para o lado. As batidas soam muito próximas. Deito-me de costas e presto atenção. O quarto começa a girar ao meu redor. Uísque demais — de novo. As batidas estão vindo da porta da frente. Passo as pernas por cima do colchão, sento-me na lateral da cama e visto o mais rápido possível uma calça de pijama cinza que encontro no chão. Atravesso minha sala de estar, chutando para o lado sapatos e pilhas de roupas que venho amontoando pelo caminho há semanas. Abro a porta num gesto apressado, e então tudo para. Tudo se paralisa: a respiração, as batidas do coração... o pensamento.

Nós avaliamos um ao outro em total silêncio. De repente ela passa por mim e começa a caminhar em minha sala de estar, como se dar as caras por aqui fosse a coisa mais natural do mundo. Eu ainda estou de pé diante da porta aberta, observando-a perplexo, quando ela se volta para mim e me fuzila com os olhos. Levo um longo momento para conseguir falar, para perceber que a coisa está acontecendo de verdade. Posso ouvir alguém usando uma furadeira no andar de cima. Olhando pela janela, enxergo um pássaro cruzando o céu, mas digo a mim mesmo que meus sentidos estão enganados a respeito dela. Não é possível que ela esteja aqui depois desses anos todos.

— O que você está fazendo aqui, duquesa?

Volto toda a minha atenção para ela; eu me concentro nela. Ela parece alucinada. Seus cabelos estão presos para trás, em uma trança, mas parte deles acabou se desprendendo e balança ao redor do seu rosto. Seus olhos, com um contorno preto bem forte, expressam grande emoção. Eu jamais a vi usar maquiagem dessa maneira antes. Ela abre os braços, num gesto amplo e brusco — um gesto raivoso. Eu me preparo para a enxurrada de palavras que costuma acompanhar a ira dela.

— O que houve? Nunca mais vai limpar isso?

Não é o que eu esperava ouvir. Empurro a porta com o pé, fechando-a, e passo a mão na nuca. Faz três dias que não me barbeio, e estou vestindo apenas uma calça de pijama. Minha casa parece um dormitório de estudante.

Caminho lentamente até o sofá, como se não estivesse em minha própria sala, e sento-me, constrangido. Ela anda de um lado para o outro, e eu a acompanho com os olhos.

Então, de repente, ela para.

— Ele está livre por minha causa. Eu o coloquei de volta nas ruas... Coloquei nas ruas um psicopata filho da puta! — Olivia dá um soco na palma de sua outra mão quando diz a última palavra. Seu pé toca em uma garrafa vazia de uísque que rola pelo piso de madeira. Nós dois a seguimos com o olhar, até vê-la desaparecer debaixo da mesa. — Qual é o problema com você, porra? — ela me pergunta, olhando para o caos ao redor.

Eu me reclino e entrelaço as mãos atrás do pescoço. Sim, concordo que meu apartamento esteja um desastre, mas há assuntos mais importantes a tratar no momento.

— Você devia ter pensado nisso antes de pegar o caso.

Olivia parece prestes a me dar um soco. Primeiro olha para o meu cabelo, então para a minha barba, detendo-se nela por um momento. Por fim seus olhos passam devagar pelo meu peito e voltam a se fixar no meu rosto. Subitamente ela recupera o controle. Sua expressão facial não deixa dúvida: ela acaba de se dar conta de que veio até mim e de que não deveria ter vindo. Nós dois entramos em ação ao mesmo tempo; ela dispara em direção à porta, e eu me levanto de um salto e bloqueio o seu caminho.

Ela mantém distância, mordendo o lábio inferior. Seu olhar já não era mais tão penetrante.

— E então? Vamos ficar parados assim o dia inteiro? — eu pergunto.

— Certo, certo... você venceu! — Olivia diz, por fim. Ela retrocede, contorna a poltrona e senta-se na cadeira reclinável.

Começamos nosso velho jogo de gato e rato. Isso me traz uma sensação de tranquilidade.

Sento-me no sofá de dois lugares e olho para ela, agitado. Olivia gira continuamente o dedo polegar sobre a sua aliança. Quando percebe que estou observando, ela para. Quase solto uma risada quando ela ergue o pé da cadeira e se espreguiça para trás como se estivesse em sua própria casa.

— Você tem uma Coca?

Eu me levanto e pego uma garrafa pequena para ela. Não tomo Coca-Cola, mas sempre tenho algumas guardadas na geladeira. Não sei por quê — talvez seja para Olivia. Ela tira a tampa, leva a garrafa aos lábios e bebe de uma só vez. Adora fazer isso.

Quando termina, ela passa a parte de trás da mão na boca e me encara.

— Acho que deveríamos tentar ser amigos.

Eu abro as mãos e balanço-as junto a cabeça, para o alto, indicando que não faço ideia do que ela está falando. Mas a verdade é que eu sei. Nós não conseguimos nos manter afastados um do outro, então qual é a alternativa?

Olivia soluça por causa do refrigerante.

— Bem... Sabe, eu nunca encontrei ninguém como você, capaz de me dizer tantas coisas sem pronunciar uma única palavra — ela disparou.

Eu sorrio. Na maioria das vezes, se eu a deixo falar sem interrompê-la, ela acaba me dizendo mais do que pretendia.

— Eu me odeio. Posso também ter sido a pessoa que colocou o maldito Casey filho da puta Anthony nas ruas de novo.

— Onde está Noah?

— Na Alemanha.

Essa informação me deixou surpreso.

— Ele estava fora do país quando deram o veredito?

— Ah, não enche. Nós não sabíamos quanto tempo demorariam para deliberar.

— Você deveria estar celebrando. — Eu me recosto no sofá e suspendo os braços, cruzando-os sobre o encosto.

Ela começa a chorar, mantendo o semblante sério, contudo. Seus olhos despejam lágrimas como se fossem torneiras abertas.

Fico imóvel onde estou. Tenho vontade de confortá-la, porém quando eu a toco não consigo mais parar.

— Está lembrada daquela vez, na faculdade, em que você começou a chorar porque achou que seria reprovada em um exame, e o professor pensou que você estivesse sofrendo uma convulsão?

Isso a faz rir. Eu relaxo.

— Você fez seu trabalho, duquesa — digo calmamente. — E fez muito bem.

Olivia concorda com um movimento de cabeça e se levanta. Nosso tempo acabou.

— Caleb... Eu...

Erguendo a mão, indico que ela não precisa falar nada. Não quero ouvi-la dizer que se arrepende de ter vindo ou que isso não acontecerá de novo.

Eu a acompanho até a porta.

— Eu deveria dizer que lamento pelo que aconteceu com Leah?
— Ela me lança um olhar ambíguo. As lágrimas borraram a sua maquiagem. Em qualquer outra mulher, isso pareceria desleixo; em Olivia, porém, parece sexy, até lascivo.

— Eu não acreditaria se você dissesse isso.

Ela sorri; o sorriso começa em seus olhos e vai se estendendo lentamente por seus lábios.

— Venha jantar conosco. Noah sempre quis conhecê-lo. — Ela solta uma risada, pois deve ter notado ceticismo na minha expressão facial.
— Ele é um grande sujeito. De verdade.

Passo a mão em meu rosto e balanço a cabeça num gesto de recusa.

— Jantar com o seu marido é algo que não está em meus planos. Não nesta vida.

— Defender a sua ex-mulher em uma ação judicial também não estava nos meus planos.

— Uau... essa doeu.

— Vejo você na próxima terça-feira, às sete? — Ela dá uma piscada e praticamente desaparece da minha frente.

Ela sabe que eu estarei lá, mesmo sem ter esperado pela resposta.

Diabos! Era só o que me faltava...

CAPÍTULO 2

Presente



EU TELEFONO PARA A MINHA NAMORADA. ELA ESTÁ atrasada, como sempre. Nós nos vimos duas vezes por semana nos últimos três meses. Foi uma surpresa perceber que a companhia dela me agrada, principalmente depois do que aconteceu com Leah. No momento eu me sinto cansado das mulheres, mas acho que sou viciado nelas.

Concordamos em nos encontrar na casa de Olivia em vez de irmos juntos até lá de carro. Mando para ela um torpedão com o endereço enquanto aparo a barba e a transformo num cavanhaque. Estou usando uma roupa casual: calça jeans e camiseta branca.

Meu dedo ainda conserva a marca deixada pela minha aliança — uma estreita faixa mais clara. No primeiro mês após o divórcio, eu me sentia triste o tempo todo por causa da aliança e era invadido pelo pânico sempre que via meu dedo vazio e pensava que tivesse perdido o objeto. A verdade sempre me chocava. Eu perdi meu casamento, não minha aliança, e isso aconteceu por minha culpa. O “para sempre” se resumiu a cinco anos; o “até que a morte nos separe” não sobreviveu às diferenças irreconciliáveis. Eu ainda sinto falta do casamento. Ou da ideia dele. Minha mãe não se cansava de dizer que eu havia nascido para me casar.

Enquanto espero pelo elevador no prédio de Olivia, eu me dedico a esfregar o lugar em meu dedo onde a aliança costumava ficar.

Ela continua morando no mesmo endereço. Eu estive aqui uma vez durante o julgamento de Leah. É quase três vezes maior que o meu apartamento e suas janelas têm vista panorâmica para o oceano. Olivia é uma exibicionista. Nem mesmo gosta do mar; não faz questão alguma de se aproximar dele, nem para tocar a água com os dedos do pé. Ela mora no último andar.

Quando o elevador chega ao andar dela e as portas se abrem, eu seguro com força a garrafa de vinho. Ela é a única moradora deste andar.

Faço uma avaliação do que encontro no corredor de entrada: um par de tênis (dele), uma planta (dele), uma placa na porta com os dizeres “*Suma Daqui!*” (dela). Observo tudo com cuidado. Eu vou ter de me comportar de maneira impecável — sem flertar, sem tocá-la, sem despi-la com os olhos. Basta que eu mantenha o foco em minha parceira e tudo correrá sem problemas. Antecipo a reação de Olivia, e isso me dá uma sensação de prazer. Antes que eu tenha tempo de alcançar a campainha, a porta se abre. Um homem surge diante de mim. Nós nos encaramos por uns bons dez segundos e por um breve momento sou tomado pelo constrangimento. E se Olivia tivesse se esquecido de avisar a ele que eu viria? Então o homem passa a mão pelo cabelo úmido e um sorriso se forma em sua face.

— Caleb — ele diz.

Então... Esse é você!

Dou uma rápida olhada no cara que está em pé à porta. Ele é alguns centímetros mais baixo que eu, mas é mais robusto — um sujeito forte. Tem cabelo escuro e curto; alguns fios grisalhos já surgem aqui e ali. Parece ter cerca de 35 anos, mas o detetive particular que contratei já havia me informado que ele tem 39. É judeu, se as suas feições não tivessem me indicado isso, a estrela de Davi em seu pescoço já o teria feito. Ele é um sujeito de boa aparência.

— Como vai, Noah?

Ele estende a mão para mim. Com um sorriso, eu o cumprimento. De súbito, minha mente é invadida pelo pensamento irônico de que nossas mãos já tocaram a mesma mulher, que é a esposa dele; isso me faz sentir um tanto obsceno.

— Olivia me mandou vir aqui fora para pegar isso — diz Noah, recolhendo os seus tênis. — Não diga a ela que você viu esses tênis. Ela é uma nazista quando se trata de bagunça.

Dou risada quando o marido judeu de Olivia a chama de “nazista” e o sigio rumo ao interior do apartamento. Já na entrada eu me surpreendo: está diferente. As coisas mudaram desde a última vez em que estive aqui. Ela havia substituído os frios tons em preto e branco por cores quentes. Agora parece de fato um lar — piso de madeira, tapetes, enfeites. O ciúme me atinge em cheio, me fulmina, mas eu trato de me livrar dele quando Olivia sai da cozinha apressadamente, tirando um avental.

Ela põe o avental de lado e me abraça. Por uma porcaria de segundo parece bom que ela tenha vindo até mim com tanta determinação. Então, ela deixa o corpo rígido, em vez de permitir que ele se encaixe no meu. Não consigo evitar a sensação de frustração. Procuo controlar o sorriso que sempre se escancara em meu rosto quando Olivia está por perto. Noah está nos observando; assim, eu entrego a ela a garrafa de vinho.

— Olá, Olivia. Eu não sabia ao certo o que teríamos para o jantar, então comprei vinho tinto.

— Malbec! — ela diz, sorrindo para Noah. — O seu favorito.

Vejo afeto genuíno quando ela olha para Noah. E me pergunto se era assim que eu olhava para Leah, e como Olivia aguentou isso por todos aqueles meses durante o julgamento.

— Nós teremos carneiro — ela diz. — Então esse vinho vai cair como uma luva.

A campainha toca. Eu imediatamente fico mais animado. A cabeça de Olivia se vira de repente na minha direção, e olha diretamente em meus olhos, tentando perceber o que estou tramando. Um sorriso se insinua lentamente em minha boca. Vou ter enfim a minha resposta. Vou saber se ela sente — ou não — o que eu sinto. Noah recua alguns passos para abrir a porta; Olivia e eu continuamos a nos olhar fixamente. Seu corpo está paralisado, tenso, antecipando o que eu estou prestes a revelar. Ouço a voz da minha namorada atrás de mim. Olivia desvia seu olhar e o dirige para onde Noah está temporariamente bloqueando sua visão da mulher que acabou de chegar; então ela dá um passo para o lado, e eu vejo o que esperava. Olivia perplexa, Olivia desarmada, Olivia zangada.

Ela fica pálida e leva uma mão ao pescoço, para agarrar o colar — uma corrente com um diamante. Noah toca em meu ombro; eu me viro e sorrio para Jessica. Jessica Alexander.

— Jess, você deve se lembrar de Olivia — eu digo.

Jessica faz um sinal afirmativo com a cabeça e sorri com alegria genuína para a vilã de cabelo negro e lustroso que a havia derrubado da minha vida como se ela fosse um pino de boliche.

— Olá, estranha! — Surpresa, Jessica vai até Olivia e lhe dá um abraço. — Há quanto tempo não nos vemos!



Jessica Alexander me encontrou no Facebook. Ela me enviou uma mensagem para informar que estava morando novamente na área de Miami e quis que saíssemos para beber e conversar. Eu estava bêbado quando li a mensagem e respondi com o número do meu telefone. Nós nos encontramos no dia seguinte no Bar Louie. Ela parecia a mesma pessoa: cabelos longos, pernas longas, saia curta. Minha namorada dos tempos de faculdade ainda me despertava desejo, e sua personalidade também me atraía — aliás, sua personalidade parecia ainda mais doce do que eu me lembrava. Eu precisava de uma gostosa e de uma longa dose de doçura depois do que havia passado com as duas víboras que amei. Nenhum de nós tocou no assunto do bebê, mas eu falei a respeito de Estella. Pude deduzir que Jessica não fazia ideia de que Olivia contribuía para o nosso rompimento. Depois disso, passamos a nos ver regularmente. E a transar também.

Observo a expressão de Olivia ao receber o abraço de Jess. Olivia sempre teve o dom do autocontrole, mas dessa vez ela faz algo incrível: ri e retribui o abraço de Jess, como se fossem velhas amigas. Isso me espanta — na verdade, mal posso acreditar no que os meus olhos veem. Noah observa o desenrolar da cena com alguma curiosidade. Sem dúvida, nós todos somos como personagens para ele.

— Venha, vamos entrando. — Olivia nos conduz à sala de estar e me lança um olhar triunfante. Eu me dou conta de que ela não se tornou uma pessoa melhor, apenas uma atriz melhor.

Touché. Ainda teremos diversão pela frente.

Jess logo vai ajudar Olivia na cozinha. Eu e Noah ficamos com um prato de queijo brie e biscoitos. Nós jogamos conversa fora por cerca de dez minutos. O assunto preferido dos homens é o esporte — os jogadores do momento, a atuação de zagueiros, a pontuação dos times —, e eu não tenho mais o menor interesse por essa merda toda.

— Está incomodado com a situação?

Olho surpreso para Noah. *Ele sabe! Que droga!* Bem, pelo menos a franqueza dele me deixa mais tranquilo.

— Você não estaria? — Aceito o uísque que ele me oferece. Envelhecido 12 anos, *Black Label...* hum, bem interessante.

Ele senta-se diante de mim e sorri.

— Sim, pode ter certeza.

Eu não o incomodo, então, quanto ele deve realmente saber? A menos que... A menos que ele esteja tão seguro quanto ao seu relacionamento com Olivia que não se sinta preocupado com nada. Procuo relaxar e enxergar a situação sob uma nova perspectiva. Noah obviamente não é um cara ciumento.

— Se isso não é um problema para você, para mim também não é — eu digo.

Ele cruza as pernas, colocando o tornozelo sobre o joelho e se recosta tranquilamente em sua cadeira.

— Você mandou que me investigassem?

— Contratei profissionais que investigaram seu passado em três países diferentes. — Tomo um gole da saborosa bebida.

Noah apenas balança a cabeça, como se já esperasse por isso.

— E encontrou alguma coisa de que você não gostasse?

— Bem... — Ergo os ombros num gesto de indiferença. — Eu já não gostava de você; afinal, você se casou com o meu primeiro amor.

Um sutil sorriso sagaz forma-se no canto de sua boca.

— Você se importa com ela, Caleb. É uma atitude nobre. Nós dois não teremos problemas, desde que você mantenha as suas mãos longe da minha mulher.

As garotas voltaram. Eu e Noah nos levantamos. Olivia consegue perceber que houve um acerto. Seus olhos frios viajam entre nós dois, movendo-se de um para o outro.

Você tem que me escolher.

O olhar dela se detém em Noah. A intimidade que noto entre os dois me enche de ciúme. E de raiva. Começo a ranger os dentes, e chamo a atenção de Olivia. Paro assim que ela põe os olhos em minha mandíbula, mas já é tarde demais. Ela percebeu o que eu estou sentindo.

Uma sobrancelha impecável se arqueia.

Deus, eu odeio quando ela faz isso!

Adoraria poder dar umas palmadas nela.



O carneiro passou do ponto, e o aspargo está mole. Fico realmente impressionado ao constatar que as mãozinhas malignas dela agora estão cozinhando; eu limpo o meu prato e ainda repito. Olivia bebe três copos de vinho tão naturalmente que me pergunto se é um hábito ou se esse jantar está mexendo com seus nervos. Falamos sobre seus clientes, todos felizes e satisfeitos. Noah está claramente encantado por ela. Observa tudo o que ela faz com um leve sorriso nos lábios. Isso me lembra a mim mesmo. Ela se dirige a Jessica, perguntando-lhe o que tem feito da vida. Começo a me sentir constrangido. Tomo o cuidado de não falar apenas com Olivia, de não olhar demais para ela, e evito desviar o olhar quando ela interage com Noah, por mais que me aborreça vê-los assim. É difícil não reparar na química entre os dois. Ela gosta muito dele, isso é claro. Noto que a personalidade dela se suaviza quando Noah está por perto. Ela não praguejou nem ao menos uma vez desde que eu entrei pela sua porta — em toda a sua história, Olivia nunca ficou tanto tempo sem xingar alguém ou alguma coisa.

A boca de Olivia está mais pura do que nunca. *A boca de Olivia...*

Noah é uma dessas raras pessoas que exercem influência conciliadora em uma situação potencialmente explosiva. Devo confessar que gosto desse cara, muito embora minha garota esteja ao lado dele. Além do mais, ele teve peito para me ameaçar.

Quando estamos todos nos despedindo, Olivia evita olhar em meus olhos. Parece exausta, como se a noite tivesse cobrado dela um preço alto em termos emocionais. Ao lado de Noah, ela estende a mão à procura da dele. Eu desejo saber o que Olivia está sentindo. Desejo estar no lugar do homem que a conforta.

Jess me acompanha até a minha casa e passa a noite comigo. Minha mãe deixou quatro mensagens perguntando sobre a minha mudança para Londres.



Acordo sentindo cheiro de bacon. Posso ouvir o retinir das panelas e a água correndo na pia. Saio andando nu até a cozinha. Jess está preparando o café da manhã. Debruço-me na bancada e a observo. Fui casado com uma mulher por cinco anos e não me lembro de alguma vez tê-la visto partir a casca de um ovo. Jessica está vestindo uma de minhas camisetas. Seus cabelos estão presos de um jeito displicente. Ela é sexy demais. Olho para as pernas dela: espetaculares, como sempre. Sou louco por pernas. Em *Uma Linda Mulher*, a cena em que Vivian diz a Richard a medida exata de suas pernas é um dos melhores momentos do filme. Muitas coisas podem ser perdoadas se uma mulher tem um lindo par de pernas.

E as de Jessica são incomparáveis.

Eu me sento, e então ela me passa uma xícara de café e sorri com timidez, como se nunca tivéssemos feito isso antes. Eu realmente gosto dela. Já a amei uma vez; não seria nada difícil me apaixonar por essa mulher de novo. Ela é tão bonita — mais bonita que Leah, mais bonita que Olivia. *Pode existir uma mulher mais bonita que Olivia?*

— Não quis acordá-lo — Jessica diz. — Então resolvi preparar eu mesma algo para alimentar você.

— Para me alimentar — repito. É bom ouvir isso.

— Gosto de fazer coisas para você. — Ela me fita com uma adorável expressão envergonhada. — Senti saudade, Caleb.

Eu pisco para ela. Como estaríamos hoje se Jess tivesse me contado que estava grávida, em vez de escolher abortar? Nós teríamos uma criança de 10 anos de idade.

Puxo-a para mim e a beijo. Ela nunca se opõe, jamais age como se não me quisesse. Eu a levo para a cama, e nós deixamos o café esfriando.



Mais tarde nesse dia, estou sentado no café perto de casa, bebendo um *espresso*. Jess teve de ir trabalhar. Meu celular sinaliza que há uma nova mensagem de texto para mim.

Tudo bem?

Eu sorrio e termino meu *espresso* antes de responder.

Sim, por quê?

Uma longa pausa se segue. Olivia está pensando em um modo de arrancar a informação de mim sem parecer que se importa.

Não faça joguinhos comigo!

Eu me lembro da última vez que você me pediu uma coisa parecida. Acho que estávamos em um laranjal.

Vá se foder. O que você achou de Noah?

Cara legal. E você, o que achou de Jess?

A mesma vadia estúpida.

Eu começo a rir alto. Os outros clientes do café olham na minha direção para saber do que estou rindo.

Recolho as minhas coisas para ir embora. Olivia é assim: sempre vai direto ao ponto. Estou quase chegando ao meu carro quando uma nova mensagem aparece no meu telefone.

Não vá se apaixonar por ela.

Fico olhando para a mensagem por um longo tempo. Um minuto. Três minutos. O que ela quer de mim, afinal? Eu não envio resposta. Sinto-me como se ela tivesse me desferido um soco.

Depois disso, não ouvi falar dela por mais um ano.

CAPÍTULO 3

PASSADO



QUANDO A VI PELA PRIMEIRA VEZ — MEU DEUS! — FOI como se eu nunca tivesse visto mulher alguma em toda a minha vida. Seu modo de andar aprisionou o meu olhar. Ela se movia como a água: fluida, determinada. Tudo ao meu redor se tornou vago; eu enxergava apenas ela, mais nada. A única coisa real em meio àquele cenário. Eu sorri quando ela parou debaixo de uma árvore grotesca, que parecia retorcida, e lançou o olhar mais contrariado que eu já havia visto na vida. Até então eu não havia nem mesmo notado a existência dessa árvore, e cheguei até mesmo a me perguntar como pude ter deixado algo assim passar despercebido. Um dos meus amigos me deu um soco no braço para chamar a minha atenção. Nós estávamos conversando sobre basquete. O técnico tinha suspenso metade do time por fumar maconha, e agora teríamos de disputar as últimas partidas sem nossos melhores jogadores, que ficariam afastados pelo resto do período. Mas nossa conversa sobre basquete terminou para mim no instante em que eu a vi. Meus amigos seguiram o meu olhar e logo compreenderam o motivo da minha desatenção. Eu tinha certa reputação de conquistador. Afastei-me deles e fui até a árvore. A garota estava de costas para mim. Ah, quem não daria tudo para mergulhar a mão naquele cabelo? Ele parecia feito para isso — negro e extravagante em todo o seu trajeto até a fina cintura dela. Minhas primeiras

palavras para ela deveriam ter sido: “*Quer se casar comigo?*”, mas o que eu acabei dizendo foi:

— Por que está zangada com a árvore?

Ela se virou para mim com tanta rapidez que dei um passo para trás. Seu rosto fechado me desestabilizou; eu me senti inseguro e indeciso — e esses sentimentos eram quase desconhecidos para mim. O resto do nosso diálogo abriu buracos enormes no meu ego:

— Eu só fiz uma pergunta, luz do sol, não me ataque. — Porra, como a garota era difícil!

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — Ela retrucou rispidamente.

— Eu fiquei me perguntando por que essa árvore fez você fechar a cara. — Foi uma desculpa idiota, mas o que diabos eu deveria ter dito? Ou o dia da garota havia sido bem ruim ou ela sempre agia desse modo; fosse como fosse, eu não tinha saída a não ser permanecer ali e falar com ela.

De repente, ela pareceu cansada.

— Você está tentando me cantar?

Droga! O momento tinha se transformado no encontro mais estranho que eu já havia tido com uma garota. Então, eu falei o meu nome.

— Perdão... O que disse?

— Meu nome... — E estendi a mão para ela. Eu só queria tocá-la. Ela era fria como o gelo. Era como se a personalidade dela passasse através da pele. Ela recolheu sua pequena mão bem rápido. — Sim, eu estava tentando cantá-la, até que você me deu um fora.

Acho que em toda a minha vida eu jamais havia apertado a mão de uma garota que eu queria. Foi constrangedor. Para ela também. Suas sobranceiras se arquearam e ela correu os olhos pelo estacionamento, como se procurasse alguém que pudesse salvá-la.

— Escute, eu adoraria continuar alimentando o seu ego com essa conversinha mole, mas tenho que ir embora.

Conversinha mole. Eu agora havia sido insultado, sem ter feito nada para merecer esse tratamento. Deus! Quem era aquela mulher, afinal? Mas como ela se sentiria se eu conseguisse barrar a sua hostilidade? Ela já estava indo embora. Eu precisava fazer algo ou dizer alguma coisa que pelo menos a fizesse se lembrar de mim. Então eu decidi insultá-la também.

— Se você fosse um animal, seria uma lhama — disparei.

E falei sério. Eu realmente gosto de lhamas. Elas são reservadas e te olham como se você fosse um lixo. Se você as irritar pra valer, vai levar uma cusparada. Certa vez, vi isso acontecer com meu irmão num zoológico interativo. Desde então lhamas se tornaram meus animais favoritos. Mas aquela garota não sabia disso; para ela, eu havia acabado de compará-la a um bicho. E isso a tirou do sério. — Vejo você por aí — eu disse, antes de me afastar.

E veria mesmo, não tinha dúvida disso. Eu não ia perder de vista aquela garota fria e ríspida. Eu a seguiria por todos os lados até a merda do seu palácio de gelo e o derreteria, se fosse necessário. Eu estava acostumado a fazer sucesso com as mulheres; a garota da árvore, porém, não queria nada comigo — nem mesmo se deu ao trabalho de me dizer seu nome. Enquanto a via ir embora, eu me dei conta de duas coisas: eu a queria e teria um trabalho enorme para conquistá-la.

Ninguém sabia quem era ela. Isso me deixou totalmente frustrado. A garota superava em beleza tudo o que eu já havia visto na vida, e eu acreditei que muitos caras no campus a reconheceriam assim que eu a descrevesse — cabelos negros formidáveis, olhar desafiador, cintura tão fina que seria possível envolvê-la com as mãos. Tive de recorrer a uma conhecida nos escritórios da administração da universidade: uma garota que eu havia namorado no colégio e que ainda tinha uma queda por mim.

— Caleb, eu não tenho permissão para fazer isso — ela disse, inclinando-se sobre o balcão. Eu ignorei sua tentativa de me fazer olhar para o seu decote.

— Só dessa vez, Rey!

— Certo, vamos lá... Prédio?

— Quando a vi, ela caminhava na direção do Conner's.

— Há mais de quinhentas garotas no Conner's. Vou precisar de informações mais precisas.

— Segundo ano — arrisquei.

Rey digitou algo no teclado do computador.

— Que ótimo, agora temos apenas duzentas meninas!

Vasculhei meu cérebro em busca de pistas. Calça jeans, camisa branca, unhas das mãos pintadas de preto. Talvez conseguisse alguma coisa se tentasse por área de estudo.

— Tente preparatório para direito ou filosofia — eu disse. A garota parecia ter um tipo de personalidade combativa, algo comum em advogados. Por outro lado, ela estava parada debaixo de uma árvore, perdida em pensamentos...

Rey olhou em volta e então virou para mim rapidamente o monitor. Olhei de cima a baixo a coluna de fotografias. Havia cerca de trinta fotos na tela. Ela rolava a página e meus olhos procuravam.

— Rápido com isso, Casanova. Se me pegarem, estou encrencada, você sabe.

— Ela não está aqui — falei depois de alguns segundos. Tentei me mostrar indiferente. — Bem, acho que hoje não é o meu dia de sorte. De qualquer maneira, obrigado pela ajuda.

Rey abriu a boca para dizer alguma coisa, mas eu lhe fiz um aceno breve e tratei de ir embora. A fotografia da garota estava lá, a terceira de cima para baixo. Mas não quis colocá-la no radar de Rey — ela tinha o mau hábito de espalhar boatos a respeito das meninas de quem eu gostava.

Olivia Kaspen. Um nomezinho perfeito para uma perfeita esnobezinha. Percorri sorrindo todo o caminho de volta aos alojamentos.

Procurei por essa garota em todos os lugares. Ela não ia à academia. Também não ia à cantina, nem a nenhum dos locais mais frequentados. Voltei ao lugar onde a vi pela primeira vez e montei guarda do lado de fora do alojamento dela. Nada. Ou ela era uma espécie de estudante eremita ou eu havia imaginado a coisa toda. Olivia Kaspen. Uma mistura de Branca de Neve com a Rainha Má. Eu tinha de encontrá-la.



Uma semana depois, eu não estava exatamente rindo à toa. Eu a havia visto nas arquibancadas em um dos nossos últimos jogos da temporada. Nós tínhamos chegado às finais e ganhávamos a partida por dez pontos. No minuto em que vi Olivia, eu me distraí. Continuei olhando para o lugar em que ela estava sentada, segurando entre as mãos um copo descartável. Uma

coisa era certa: ela não estava olhando para mim. Não sei por que diabos me convenci de que poderia impressioná-la com meu jogo, mas eu tentei. Os visitantes conseguiram empatar. Então, uma falta foi marcada a nosso favor. Parei na linha de arremesso livre, mas minha mente estava em outro lugar e eu hesitei. Algo se apossou de mim e me fez tomar uma atitude que nos custou o jogo. Eu avancei até o treinador do nosso time. Normalmente, uma atitude dessas teria como consequência a minha saída do time, e isso só não aconteceu porque o treinador era amigo da minha família.

— Não consigo me concentrar. Tenho que cuidar de um assunto — eu lhe disse.

— Caleb, você vai foder com a minha vida bem agora?

— Treinador — insisti. — Só peço que me dê dois minutos.

Ele abaixou os óculos e me olhou direto nos olhos.

— É aquela garota, não é?

Senti o sangue gelar. Meu treinador era um cara perspicaz, mas era impossível que soubesse sobre Olivia e...

— A garota que está desaparecida — ele concluiu.

Encarei-o sem entender direito. Laura? Nós tínhamos namorado, mas não foi nada sério. Eu me perguntei se meus pais haviam dito alguma coisa a ele. Minha mãe era amiga da mãe dela. Mamãe ficou entusiasmada quando começamos a namorar. O relacionamento, contudo, não vingou: Laura era linda, mas não tinha personalidade. Nós terminamos tudo quase imediatamente. O treinador falou antes que eu pudesse corrigi-lo:

— Vá logo. Depressa.

Ele pediu tempo e mandou reunir o time.

Subi os degraus das arquibancadas, dois de cada vez. Quanto mais eu me aproximava de Olivia, mais pálida ela ficava, e a garota já era bastante pálida. Quando eu me agachei ao lado dela, seus olhos estavam arregalados e ela parecia prestes a fugir correndo.

— Olivia — eu disse. — Olivia Kaspén.

A princípio, ela se mostrou chocada, mas se recompôs rapidamente. Olhou para o meu rosto por alguns instantes, antes de inclinar o corpo para a frente e falar para mim:

— Parabéns, você descobriu meu nome! — Olivia observou e depois continuou num tom mais baixo. — Que diabos você está fazendo?

— Você é um enigma e tanto aqui no campus, Olivia — eu disse, seguindo o contorno dos lábios dela com meus olhos. Os lábios mais sensuais que eu já havia visto em toda a minha vida. Por que tive que esperar tanto tempo para encontrar aqueles lábios?

— Você pretende me dizer algo, em algum momento, ou está retardando o jogo para se gabar das suas habilidades de detetive? — ela disparou.

Meu Deus! Como eu poderia não rir disso? Eu pretendia, sim, dizer — ali mesmo, naquele exato momento — que ela iria se casar comigo, mas tinha certeza de que levaria um tapa se fizesse isso. Decidi recorrer ao charme. Sei que teria funcionado com qualquer outra garota. Bem, e daí se ela me enxotasse?

— Se eu acertar esse arremesso, você sai comigo?

Olivia não gostou da proposta, o que ficou bem claro. O olhar no lindo rostinho dela foi de total desgosto. Para piorar, ela ainda me chamou de pavão, dando-me o troco por tê-la comparado a uma lhama.

— Você levou a semana inteira para inventar isso, não é? — observei, forçando um sorriso. A essa altura, eu tinha quase certeza de que ela estava se fazendo de difícil.

— Pode acreditar que sim — ela respondeu com desdém.

— Então, é correto dizer que você pensou em mim durante a semana inteira?

Quando eu era criança, assisti a cada episódio de *Pernalonga e sua turma* um milhão de vezes. Sempre saía fumaça do nariz dos personagens quando eles ficavam furiosos. Muitas vezes eles também pairavam suspensos no ar por causa da raiva. A expressão no rosto de Olivia indicava que ela poderia soltar fumaça pelo nariz a qualquer instante.

— Não mesmo... E quer saber? Eu não vou sair com você — a garota respondeu.

Ela não estava mais olhando para mim. Eu quis segurar seu queixo e mover seu rosto para que ela voltasse a me fitar.

— Por que não? — Tive de me controlar para não dizer: “*Por que diabos você não quer?*”.

— Porque eu sou uma lhama e você é um pássaro, e nós não somos compatíveis.

— Certo — murmurei. — Então, o que terei de fazer? — Eu mal podia acreditar naquela situação... estava implorando a uma garota para que saísse comigo! Nunca me senti tão fracassado.

— Erre o arremesso.

Olhei bem dentro dos frios olhos azuis dela e soube que havia encontrado uma mulher que não se enquadrava em padrão nenhum; era uma em um milhão. Duvido que haja outra como ela.

— Erre o arremesso, e eu sairei com você.

Eu não disse mais nada. Estava perplexo. Voltei rápido para a quadra, com a mente tão conturbada que meu cérebro parecia estar prestes a explodir, antes mesmo que eu pudesse fazer o arremesso. Eu não faria uma bobagem dessas. Era loucura. Ela era maluca. Merda, merda, merda!

Porém, quando me posicionei na linha de arremesso livre, com a bola na mão, milhões de coisas passaram pela minha cabeça em questão de segundos. Eu estava furioso. Devia ter feito a minha parte, o que me cabia fazer — ganhar o jogo —, mas continuava a ver o rosto de Olivia. O olhar arrogante dela ao me dizer “erre o arremesso”. Havia algo nos olhos dela que me enfeitiçava, algo de que eu não conseguia me livrar. Era impossível fazer o que ela me pedira. A garota havia imposto sua condição absurda e esperava que eu errasse.

Levantei a bola, com as palmas das mãos curvadas ao redor dela, como se fosse uma extensão do meu corpo. Quantas horas eu gastava jogando basquete toda semana? Vinte... trinta? Acertar aquela cesta seria a coisa mais fácil do mundo para mim — eu conseguiria fazer isso até vendado. Contudo, o olhar estampado na face de Olivia parecia ter o poder de amarrar meus pulsos com uma corda invisível, obrigando-me a segurar a bola com mais força do que o necessário. Eu podia ver um triste ar de vitória em seu rosto, como se ela estivesse convencida de que homens eram sinônimo de desapontamento. Olivia estava errada se acreditava que era capaz de adivinhar o que eu ia fazer. Se eu a quisesse...

E eu a queria.

Eu errei o arremesso.

E ingressei em um mundo que não conhecia.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

